



## “Vovó me avisou”: memórias do carnaval de guerra (1942-1943) no Rio de Janeiro

## “Grandma warned me”: memories of war carnival (1942-1943) in Rio de Janeiro, Brazil

## “La abuela me avisó”: recuerdos del carnaval de guerra (1942-1943) en Río de Janeiro, Brasil

Sormani da Silva<sup>1</sup>

Recebido em: 27 jan. 2025  
Aceito para publicação em: 15 abr. 2025

**Resumo:** Este artigo explora o cotidiano dos clubes e escolas de samba do Rio de Janeiro durante os carnavais de 1942 e 1943, utilizando a história do carnaval na Segunda Guerra Mundial e as memórias do compositor Rubens da Vila. A análise enfatiza as implicações do processo de mobilização e desmobilização (Cytrynowicz, 2002) do governo brasileiro em relação à adesão do país aos Aliados no conflito mundial. No Rio de Janeiro, o carnaval desse período foi fortemente marcado por

<sup>1</sup> Doutor em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), mestre em Relações Étnico-Raciais pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ), graduado em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Neab-Uerj). Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-71>.

protestos populares iniciados no segundo semestre de 1942. Os desfiles de blocos, ranchos e escolas de samba receberam patrocínio da Liga de Defesa Nacional e da União Nacional dos Estudantes. A realização do carnaval ocorreu sob um clima de suspeita generalizada de críticas à ditadura varguista e às práticas de desmobilização dos sambistas e das escolas de samba. Dessa forma, os festejos do carnaval de guerra de 1943 deixaram marcas na memória afetiva e coletiva do país.

**Palavras-chave:** carnaval; memórias; Segunda Guerra Mundial; escolas de samba.

**Abstract:** This article explored the daily life of Rio de Janeiro's samba clubs and schools in the Carnivals of 1942 and 1943, drawing on the history of Carnival during World War II and the composer Rubens da Vila's memoirs. The analysis emphasized the implications of the Brazilian government's mobilization and demobilization process (Cytrynowicz, 2002) in relation to the country's adherence to the Allies in the global conflict. In Rio de Janeiro, Brazil, Carnival during this period was strongly marked by popular protests that began in the second half of 1942. The parades of street groups, ranchos, and samba schools were sponsored by the National Defense League and the National Union of Students. Carnival took place amid a climate of widespread suspicion and criticism of the Getúlio Vargas dictatorship and the demobilization practices of samba dancers and samba schools. Thus, the festivities of the 1943 wartime Carnival left their mark on the country's affective and collective memory.

**Keywords:** Carnival; memories; World War II; samba schools.

**Resumen:** Este artículo explora la vida cotidiana de los clubes y escuelas de samba de Río de Janeiro en los Carnavales de 1942 y 1943, basándose en la historia del Carnaval durante la Segunda Guerra Mundial y las memorias del compositor Rubens da Vila. El análisis enfatiza las implicaciones del proceso de movilización y desmovilización del gobierno brasileño (Cytrynowicz, 2002) acerca de la adhesión del país a los Aliados en el conflicto global. En Río de Janeiro, Brasil, el Carnaval durante ese período fue fuertemente marcado por las protestas populares que comenzaron en la segunda mitad de 1942. Los desfiles de comparsas, ranchos y escuelas de samba fueron patrocinados por la Liga de Defensa Nacional y la Unión Nacional de Estudiantes. El Carnaval se desarrolló en un clima de sospecha y crítica generalizada hacia la dictadura de Getúlio Vargas y las prácticas de desmovilización de los bailarines y las escuelas de samba. Así, las festividades del Carnaval de 1943, durante la guerra, dejaron huella en la memoria afectiva y colectiva del país.

**Palabras clave:** Carnaval; memorias; Segunda Guerra Mundial; escuelas de samba.

## INTRODUÇÃO

O ponto de partida para esta pesquisa foi uma entrevista com o compositor Rubens da Vila em 2010<sup>2</sup>. Em meio às conversas sobre escolas de samba notei que, mesmo após décadas, ele guardava memórias nítidas do carnaval de 1943. Ele me contou sobre um samba inédito de sua autoria da época da Escola de Samba Deixa Malhar e compartilhou relatos sobre a agremiação, que foi fechada pela polícia em maio daquele ano. As

<sup>2</sup> Tratou-se de um encontro casual no qual ele me contou espontaneamente parte de suas vivências no mundo do samba. Fomos vizinhos no bairro de Neves, em São Gonçalo, Rio de Janeiro. Nas muitas conversas ele sempre saía com uma melodia maravilhosa. Era natural de Campos dos Goytacazes. Ele afirmou que a sua avó, Dona Perciliana, fora raptada por mercadores na África, chegou ao Brasil e foi para Minas Gerais antes de fixar residência no Rio. Seu Rubens, como eu o chamava, faleceu em 13 de setembro de 2010, em Neves, São Gonçalo.

falas de Rubens evocaram os “ecos de um carnaval” que se misturou com a História do Brasil no contexto da Segunda Guerra Mundial. Foi um período em que o engajamento popular a favor da participação do país na guerra se fundiu com o carnaval, a principal manifestação cultural da nação. Compreendendo a importância dessa memória, tanto individual quanto coletiva, registrei seus relatos, que não apenas ressignificam vozes de sambistas anônimos, mas também trazem à tona detalhes do cotidiano do Rio de Janeiro daquele período, como as lembranças da avó de Rubens<sup>3</sup>.

O governo Vargas enfrentava um dilema: precisava demonstrar apoio ao “esforço de guerra” para não ficar isolado, especialmente após a intensa pressão popular que pedia a participação do Brasil no conflito (Alves, 2002). Tal pressão aumentou significativamente depois que navios brasileiros foram atacados pelas forças do Eixo<sup>4</sup>. Vargas, no entanto, também estava ciente de que a radicalização dos ânimos populares poderia ameaçar o seu regime ditatorial. Por isso, ele tentava “desmobilizar” a população, buscando conter o entusiasmo dos foliões e cidadãos que se manifestavam nas ruas. Esse conflito entre a necessidade de *mobilizar* o país para a guerra e, ao mesmo tempo, *desmobilizar* o entusiasmo popular para evitar uma crise resultou em uma contradição estrutural na política do governo.

As tentativas do governo de implementar políticas de mobilização, cerceando e reprimindo a cultura popular, espontânea, negra, anárquica, pobre, carnavalesca, antiburguesa, não alinhada e avessa à ordem e à disciplina, esbarraram na frontal recusa popular à mobilização e à participação na guerra, trocando o samba pelo exército e o violão pelo fuzil. Essa recusa pode ser observada em algumas músicas que satirizam o governo (Cytrynowicz, 2002, p. 181).

No Rio de Janeiro esse descompasso estrutural teve efeitos na organização das escolas de samba cariocas. Em 1943 a União Geral das Escolas de Samba (UGES) deixou a organização dos desfiles sob responsabilidade da Liga da Defesa Nacional (LDN) e da União Nacional dos Estudantes (UNE). Já no carnaval de 1944, a instituição dos sambistas ajudou a desmobilizar a realização dos desfiles, sentindo naturalmente o impacto das pressões governamentais e de grupos da sociedade civil contrários à realização do carnaval num cenário de guerra.

Este artigo ratifica que os festejos carnavalescos de 1943, sobretudo na ótica das escolas de samba, deixaram marcas na memória coletiva do país. Eles foram muito impactados pelos protestos populares que ganharam as ruas a partir do segundo semestre de 1942. Os desfiles de blocos, ranchos e escolas de samba, embora patrocinados pela LDN e pela UNE, realizaram-se sob a suspeita generalizada de críticas à ditadura varguista por meio do humor, da sátira, do deboche (Cytrynowicz, 2002, p. 349), assim como sob tensões de que grupos vinculados à cultura negra carnavalesca se tornassem caixa de ressonância dos protestos e mobilizações contra as forças do Eixo. Se antes havia dúvidas sobre a realização do carnaval, ele acabou se efetivando, mas sob uma atmosfera ambígua entre o esforço de guerra e a natureza plural, contraditória e muitas

<sup>3</sup> Sobre memórias, é interessante destacar a perspectiva das memórias involuntárias. Para Seixas (2001, p. 47), não há memórias involuntárias que não sejam carregadas de afetividade, ou seja, mesmo que a integralidade do passado tenha se perdido. O chamado afetivo da memória possui uma dimensão restauradora. A memória involuntária não possui o papel de superar lacunas; pelo contrário, articula-se por meio delas e, segundo Seixas, condensa e expõe os tempos múltiplos do passado.

<sup>4</sup> Em 16 de fevereiro de 1942 o navio *Buarque*, da companhia Lloyd Brasileiro, foi a pique após ser atingido por dois torpedos do submarino alemão U-432. No entanto a sequência de ataques do submarino U-507, ocorrida entre 15 e 17 de agosto, foi mais impactante, ao afundar cinco navios: *Baependi*, *Aníbal Benévolo*, *Araraquara*, *Itagiba* e *Arará*. Esses cinco afundamentos resultaram em cerca de 837 vítimas, entre civis e militares.

vezes radical que envolve os festejos carnavalescos nas ruas. O compositor Rubens da Vila, captando algumas vivências de seu ambiente familiar, assim afirmou: "Vovó me avisou".

O ponto de partida para o carnaval das escolas de samba foi o convite da primeira-dama, Darcy Vargas, para um desfile visando arrecadar donativos para a cantina do soldado combatente, em janeiro de 1943. No Estádio do Vasco da Gama, participaram: Azul e Branco; Cada Ano Sai Melhor; Portela; Estação Primeira; Paz e Amor; Deixa Malhar; Lira do Amor; Depois Eu Digo; Unidos do Salgueiro; Unidos da Tijuca; Império da Tijuca; Mocidade Louca de São Cristóvão (Cabral, 1996a, p. 137).

Essas agremiações ainda participaram do pré-carnaval, antecipando o carnaval de 3 de março de 1943. Sérgio Cabral (1996a) destacou que as escolas de samba lançaram sambas alusivos à guerra e colaboraram nas campanhas da UNE e da LDN. Augras (1998, p. 57) questiona a eficácia da participação dos sambistas no esforço de guerra:

[...] Os temas patrióticos, impingidos pela Liga da Defesa Nacional e pela UNE, são, portanto, contemporâneos dos *Carnavais de Guerra*, para retomar o belo título do livro de Dulce Tupy (1985). Sem receio do ridículo, a exigência é apresentada como contribuição ao esforço bélico da nação: O desfile de amanhã será um dos mais interessantes. Dele participarão 22 escolas de samba, compreendendo cerca de 30 mil pessoas.

Segundo Tupy (1985)<sup>5</sup>, nos anos de guerra a música desempenhou um importante papel em mobilizar a população. Sobre esse aspecto, Alencar (1965), em sua obra *O carnaval carioca através da música*, apresenta um rico levantamento sobre como o mundo artístico contribuiu para o chamado "esforço de guerra". Hoje temos uma clara percepção de que o envolvimento das escolas de samba não foi algo isolado; vários segmentos do mundo artístico se mobilizaram no sentido de propiciar apoio à participação do Brasil no conflito.

O historiador Orlando de Barros (2010) destacou as peças teatrais, sendo a mais famosa *Fora do Eixo*, que estreou no Rio em 1942 com muito sucesso. Ao mesmo tempo lembrou os elementos de desmobilização, por meio de portarias da polícia que restringiam as manifestações, especialmente proibindo de mencionar nestas os nomes dos países envolvidos no conflito. Em um estudo sobre a revista *O Cruzeiro* (1943-1945), Bezerra (2013) relativizou a escassez de informações sobre o período. É importante observar que, em um país que tem pouca preocupação com a memória, tal fato exige do pesquisador a necessidade de desconfiar das casualidades.

Cytrynowicz (2002), por meio da análise de cartas, músicas, livros de memória, jornais e outros materiais sobre a Segunda Guerra Mundial, efetuou uma percepção da conjuntura social denominada "mobilização desmobilizante". Isso ocorreu porque o governo buscou gradualmente mobilizar o país no esforço de guerra, consciente da necessidade de neutralizar possíveis contradições entre apoiar os Aliados e manter uma ditadura no plano interno.

Assim, podemos verificar que a própria cobertura deficitária da festa se estruturou como uma forma de controle social, pois não podemos compreender a cobertura jornalística como reprodutora da totalidade social. Basta ver que as várias letras de sambas-enredo produzidas nesse período e que hoje circulam por intermédio de livros foram preservadas graças às memórias dos próprios sambistas. Este artigo, ao problematizar o carnaval de 1943, também contextualiza algumas memórias individuais e afetivas que sobreviveram do período.

<sup>5</sup> Um dos trabalhos de referência sobre esse período, sobretudo pelo contexto em que foi publicado, é a contribuição de Tupy (1985).

## MEMÓRIAS DO CARNAVAL DE 1943

No início de 1943 *“havia dúvida se haveria ou não carnaval”*, disse o compositor Rubens da Vila<sup>6</sup>, ao recordar seu cotidiano no terreiro da Escola de Samba Deixa Malhar<sup>7</sup> (Vila, 2010). Nesse local, ele presenciou uma intensa discussão envolvendo um jornalista, que segundo ele era seu amigo da escola, e Zé Linguíça<sup>8</sup>, responsável pela produção de adereços da Deixa Malhar. O jornalista, que tinha nas mãos um exemplar do jornal *Diário de Notícias*, provocou Zé Linguíça, repercutindo claramente o debate que se difundia na imprensa: *“Deixa isso pra lá, rapaz, não vai haver carnaval”*. O jornalista compreendia que a situação do estado de guerra era real e poderia resultar no adiamento do carnaval, porém Zé Linguíça tinha posição totalmente contrária. Sua preocupação principal era de que nada interrompesse a produção dos adereços da sua agremiação, e respondeu ao jornalista: *“Carnaval é festa do povo, não mexe nisso não”*.

Provavelmente a atitude de Zé Linguíça de não aceitar a ideia de adiamento do carnaval de 1943 estivesse relacionada a várias questões, como a ausência de sentimento nacional, as recordações de quem viveu as consequências do projeto “civilizador” da capital da República e, sobretudo, certa repulsa popular em relação ao envolvimento de assuntos de guerra com a maior festa popular, o carnaval. Assim, para alguns, o estado de guerra decretado por Vargas em agosto de 1942 poderia abrir um espaço para atuação dos inimigos do samba, que não eram poucos naquelas primeiras décadas, no Rio de Janeiro. O alvo seria o solapamento das escolas de samba, em plena ascensão na cidade. Afinal, para alguns, elas ainda representavam meros batuques ou reminiscências de práticas africanas que resistiam em relação às transformações na capital do país.

Segundo o compositor Rubens da Vila, desse contexto vivido no terreiro da Deixa Malhar resultou a produção de um samba inédito que refletia as tensões sobre o adiamento do carnaval de 1943: *Carnaval em dúvida*<sup>9</sup>.

---

<sup>6</sup> Rubens Batista Vianna chamava-se no início da carreira Rubens da Silva, mas ficou conhecido artisticamente como Rubens da Vila, por sua atuação na Escola Unidos de Vila Isabel entre 1980 e 1990 como membro da ala dos compositores (Vila, 2010).

<sup>7</sup> A Deixa Malhar (1933-1943) teve uma trajetória fundamental na organização do carnaval das escolas de samba, sendo o local de onde surgiram algumas das principais lideranças do mundo nesse ramo.

<sup>8</sup> O apelido Zé *Linguíça* faz menção aos “Zés” anônimos e invisibilizados que contribuíram para a construção do carnaval carioca. Nesse contexto, o nome de Zé Linguíça – com base no testemunho do compositor Rubens da Vila – atua como um ponto de referência de nossas memórias para contextualizarmos os carnavalescos da Deixa Malhar que carregavam cartazes no último desfile da escola na Avenida Rio Branco, em 1943.

<sup>9</sup> Michel Pollak (1986) cunhou o conceito de “memória por tabela”, que destaca a herança indireta de memórias de pessoas ou grupos sociais com os quais mantemos relações. Existe uma forte tradição nas culturas negras que realça a importância dos anciãos como fonte de sabedoria. No Brasil, as religiões de matriz africana valorizam esses saberes, disseminados por patrimônios e práticas culturais, como as velhas guardas das escolas de samba, as baianas e outras expressões da dinâmica cultural negra. Na teoria dos estudos históricos, Reinhart Koselleck destaca os estudos de história contemporânea como forma de análise do presente, conferindo destaque aos relatos e testemunhos e cruzando abordagens literárias e científicas. Muitas vezes, é uma história tecida pelos vencedores das batalhas ou por seus herdeiros. Para Koselleck (2014, p. 234), todavia, eram os derrotados que se sentiam compelidos a narrar uma “história melhor e mais lúcida”.

Figura 1 – Samba *Carnaval em dúvida*

**Carnaval em Dúvida**

Elias Mariano Rubens da Vila

♩ = 114

Flute

*Ontem estive em uma reunião,  
Senti uma grande emoção.  
Vi um pianista com Diário de Notícias  
Falando sobre a situação,  
Eu mesmo nem sei se é carnaval ou não.  
Eu mesmo nem sei se é carnaval ou não.*

*Deus sempre foi justo e leal,  
Depois da guerra, novamente, mais um carnaval.  
Vou fazer minhas promessas,  
E todos têm que ir por mim.  
Quem ri melhor é sempre quem ri no fim.*

Fonte: Arquivo do pesquisador

A letra do samba *Carnaval em dúvida* faz parte de um episódio significativo na trajetória do compositor Rubens da Vila. O sambista relembrou o início de sua carreira e ressignificou as memórias de um evento que ocorreu entre janeiro e março de 1943, no terreiro da Escola de Samba Deixa Malhar, na Chácara Vintém. Ao ponderar para sua avó, Dona Perciliana, que as pessoas não tinham gostado do samba, ele ouviu dela

uma observação incisiva: *“Eles querem samba sobre Itália, Alemanha e Japão”*. Rubens, então, respondeu: *“Vó, tem que ser assim”* – e rapidamente articulou uma nova melodia sobre o tema sugerido, embora a avó tenha alertado: *“Não se meta com essas coisas, não, menino”* (Vila, 2010). Esse diálogo revela a importância da história oral<sup>10</sup> como ferramenta para compreender os processos históricos. Outro fato curioso é que a ordem de citação dos países do Eixo pela avó – Itália, Alemanha e Japão – reflete a maneira como a mídia da época cobria a Segunda Guerra Mundial. Uma manchete de 1.º de março de 1943 do jornal *O Globo*, por exemplo, anunciava: *“Não haverá carnaval para os inimigos do Brasil, ou seja, alemães, italianos e japoneses”* (1943, p. 1). A sobrevivência da letra desse samba por meio da memória de Rubens da Vila demonstra a circulação muitas vezes de forma subterrânea de práticas discursivas e individuais. São experiências de uma memória popular negra que não encontraram espaço no cotidiano e entre as manchetes e os acontecimentos da guerra.

Foi um tempo marcado por sabotagens, tensões e mobilizações, seja contra ou a favor da realização dos carnavais naquele período importante para as escolas de samba, o que infelizmente resultou na última apresentação da Deixa Malhar, a qual ficou classificada em quarto lugar. A Portela foi a campeã, com o tema *“carnaval de guerra”*. Sobre desfilar ou não naquele fatídico ano de 1943, perguntei a opinião do veterano compositor, que respondeu prontamente: *“Vovó avisou”*. Talvez sua avó, Dona Perciliana, tenha feito uma leitura de contexto e concluiu que não era seguro compor sambas com temáticas envolvendo nomes de países, ou se envolver de qualquer modo naqueles eventos, sobretudo com o Brasil tensionado pelas mobilizações contra os súditos do Eixo, o que levou ao fechamento do histórico clube Germânia, ligado à comunidade alemã<sup>11</sup>, na praia do Flamengo, que se tornou sede da UNE.

Assim, ao contrário de Zé Linguíça, que priorizava a tradição do carnaval – ligado aos cordões, ranchos e blocos de humor e de crítica, típicos da Primeira República –, a avó do compositor Rubens da Vila talvez percebesse as múltiplas dimensões do estado de guerra. As tensões do regime, que justificavam qualquer tipo de arbítrio, pareciam atravessar os tradicionais festejos carnavalescos, indo além do período da festa.

O fato é que o carnaval foi capturado pelas mobilizações e desmobilizações no Distrito Federal, derivadas do envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Clubes<sup>12</sup> e escolas de samba participaram de uma forma ou de outra dessas tensões até o fim do conflito. As memórias do compositor Rubens da Vila, reveladas em seu samba inédito e nos diálogos com sua avó Perciliana, são um valioso patrimônio. Juntamente com outros documentos e registros históricos, como os jornais da época, elas nos ajudam a compreender diversos aspectos do carnaval de 1943. O contexto de guerra, intensificado pelo afundamento de navios brasileiros, já havia levado ao Decreto n.º 10.358, que instituiu o estado de guerra no país. Como consequência, as campanhas pelo *“esforço de guerra”* ecoaram nas ruas e foram incorporadas às alegorias dos foliões cariocas, que aderiram aos apelos da Liga da Defesa Nacional (LDN) e da União Nacional dos Estudantes (UNE) para um carnaval patriótico.

<sup>10</sup> Sobre história oral, Smith (2012, p. 15) destaca algumas estratégias para os usos de entrevistas como elemento para a produção de narrativas historiográficas. Segundo a pesquisadora: *“Quando se emprega entrevistas para reconstituir ligações e experiências pessoais, memórias coletivas e processos históricos amplos, o primeiro passo é olhar para o papel da narração de histórias dentro da consciência popular”*.

<sup>11</sup> No Brasil, a comunidade alemã girava em torno de 200 mil descendentes, enquanto a dos EUA não tinha muita expressão (10 anos [...], 2013).

<sup>12</sup> Segundo Cabral (1996a), o Teatro Municipal, cujas atividades eram contínuas desde 1932, também seguiu o caminho das Grandes Sociedades, não executando nenhuma atividade em 1943.

Figura 2 – Cartaz distribuído pela Liga da Defesa Nacional, durante a realização do carnaval, aconselhando o povo a subscrever empréstimo de guerra



Fonte: *Gazeta de Notícias* (7 mar. 1943, p. 8)

O curioso no cartaz é que, ao mesmo tempo que solicitava contribuições para as "obrigações de guerra", se evitava, por meio do nome "Eixo", a individualização das nações envolvidas (Itália, Alemanha e Japão), um sutil direcionamento – talvez para burlar os censores do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que estavam por toda parte – que também ganhou força nas peças de teatro da época, como, por exemplo, na peça *Fora do Eixo*.

Segundo Barros (2010, p. 35), toda a animosidade em relação à Alemanha, à Itália e ao Japão surgiu após a reunião de chanceleres realizada no Rio – evento que será detalhado no próximo tópico. Contudo foi a estreia da peça teatral *Fora do Eixo*, de Luiz Iglésias e Freyre Junior, que inaugurou culturalmente essa temática, trazendo personagens internacionais para o palco sob a forma de humor. De acordo com o historiador, a peça serviu de modelo de crítica política, ainda que evitasse abordagens de temas mais sensíveis relativos à ditadura. Nessa lógica, as referências à democracia e a líderes como Vargas, Churchill, Stalin e Roosevelt eram quase canonizadas, enquanto figuras como Mussolini, Hirohito e Adolf Hitler eram ridicularizadas. Assim, a fixação de tipos dos chefes políticos do Eixo lembrava o ritual muito popular no Brasil no período

da Quaresma. A ideia central era “deixar malhar”<sup>13</sup> essas figuras, ao mesmo tempo em segundo plano dissimulando abordagens diretas e facilitando, em tempos de arbítrio político, a circulação das mensagens de mobilização popular. A figura 2, por exemplo, reproduz o cartaz da Liga da Defesa Nacional que circulou durante o carnaval de 1943 na Avenida Rio Branco.

## O ESFORÇO DE GUERRA E AS ESCOLAS DE SAMBA

A resistência contra a realização do carnaval de 1943 começou em janeiro de 1942, durante a III Reunião de Consulta dos Chanceleres Americanos na cidade do Rio de Janeiro. Segundo Pedreira (2004), diversas vozes defenderam na imprensa a inconveniência do carnaval de rua, ao mesmo tempo em que acontecia a reunião dos chanceleres. Mas em agosto, após o ataque das forças do Eixo que afundou cinco navios brasileiros, o fato adicionou novos argumentos para os defensores da ideia de adiar o carnaval, em virtude do número de vítimas<sup>14</sup> do bombardeio alemão. Alguns motivos de ordem moral e religiosa foram ovacionados por lideranças da sociedade civil, e muitos conclamaram às autoridades que inviabilizassem a realização do carnaval de 1943. Na época, algumas sociedades recreativas<sup>15</sup> cancelaram suas atividades. O Clube de Regatas Vasco da Gama declinou dos festejos, denominando de “exteriorizações ruidosas” as manifestações do carnaval em plena guerra.

O Clube de Regatas Vasco da Gama interrompe este ano, uma tradição que estava, aliás de acordo com sua própria popularidade e com os costumes do povo, que tem nos festejos carnavalescos e o seu divertimento predileto. Não há este ano os costumados bailes de carnaval no estádio de S. Januário, como os associados do clube, embora compreendendo a gravidade de uma situação que não se coaduna com exteriorizações ruidosas de alegria diante do trágico e lutuoso quadro do mundo em guerra (Clube de Regatas Vasco da Gama, mar. 1943).

Esse posicionamento não foi seguido de forma generalizada. Curiosamente, para alguns, a guerra se tornou um tema para realização do próprio carnaval, com bailes no Hotel Copacabana Palace e desfiles de blocos, ranchos e escolas de samba. Os grupos que tinham recursos investiram na folia no interior do estado do Rio de Janeiro; os que não tinham permaneceram nos blocos de bairro. Assim, em algumas cidades, o carnaval popular entrou na pauta do “esforço de guerra”.

As classes populares, por meio das escolas de samba, apropriaram-se do contexto do conflito e legitimaram seus interesses em manter a tradição, mediante a defesa dos

<sup>13</sup> Com forte apelo cultural e social, a tradição de *malhar o Judas* é uma das celebrações populares mais expressivas do Brasil. Suas origens remontam ao período colonial e estão intrinsecamente ligadas à tradição cristã, mas a prática diferencia-se por sua capacidade de unir o humor à crítica. O ritual, realizado no Sábado de Aleluia, envolve a confecção e a amarração de um boneco que, em seguida, é publicamente atacado. Essa ação simboliza o protesto e a expressão do descontentamento popular, que muitas vezes é direcionado a figuras políticas ou a problemas do cotidiano.

<sup>14</sup> Diante dos inúmeros ataques de Hitler à costa litorânea brasileira e das baixas que chegaram a 1.081 mortos, não dava mais para o governo manter-se distante da guerra (Alves, 2002).

<sup>15</sup> Os Democráticos, Pierrots da Caverna, Tenentes do Diabo e Fenianos não atenderam nem mesmo ao pedido do então prefeito do Distrito Federal, Henrique Dodsworth, para que desfilassem e, sendo assim, divulgaram nos diversos jornais que não fariam parte do desfile externo (O carnaval, 1943, p. 3).

desfiles e a elaboração de sambas-enredo sobre o imaginário social da guerra. O apoio da primeira-dama, da UNE e da LDN não apenas limitou as tentativas de cancelamento do carnaval de 1943, mas criou um artifício positivo para sua concretização dentro do “esforço de guerra”. As vozes oponentes, todavia, obtiveram uma vitória parcial.

O “carnaval de guerra”<sup>16</sup> ganhou um aspecto de mobilização contra a essência do carnaval, com proibição do uso de máscaras e com regras censórias, justificadas sob a lógica do estado de guerra. Na verdade, buscava-se não melindrar os últimos momentos da ditadura do Estado Novo<sup>17</sup>. Na véspera do carnaval de 1943 o governo determinou, por intermédio de portaria, que todas as agremiações deveriam obter autorização do DIP. Blocos e ranchos deveriam apresentar estandartes para serem conferidos por censores. Proibia-se o livre trânsito nas calçadas e potencializava-se a censura. O carnaval, na proposta do esforço de guerra, contou com blocos, ranchos, préstitos e escolas de samba. Já as Grandes Sociedades não desfilaram, entrando em declínio definitivo.

Na perspectiva dos organizadores (LDN e UNE), o carnaval foi realizado sob a premissa de combater o niponazifascismo (Japão, Alemanha e Itália). A revista *O Cruzeiro* fez uma síntese dos desfiles.

Muito embora os festejos carnavalescos, que sempre tiveram nos cariocas os seus mais devotados cultores, não atingissem, este “anno”, o clímax costumeiro, que toda a cidade dava expansão aos seus sentimentos, [tomada] atualmente pela situação de guerra que recobre de um manto de dor centenas de famílias enlutadas com os bárbaros e traiçoeiros assaltos por parte das hordas eixistas aos nossos navios, pudemos assistir, nas três noites dedicadas ao rei Momo, na avenida da capital os desfiles patrióticos das escolas de samba e blocos organizados pela Liga de Defesa Nacional, que apresentou carros alegóricos saudados pela população que se apinhava na grande artéria, com aplausos que se manifestava espontâneo, o verdadeiro sentido de revolta contra os violadores das liberdades democráticas (O préstito [...])<sup>18</sup>, 1943, p. 31 *apud* Bezerra, 2013).

Podemos constatar, pela descrição da revista *O Cruzeiro*, que, apesar das tentativas governamentais de cerceamento do carnaval, parte da imprensa aproveitou a situação de guerra e registrou o cortejo cívico na Avenida Rio Branco. São imagens únicas demonstrando a mobilização no cortejo cívico. Foram precisamente três noites de desfiles patrióticos. No domingo, 22 escolas de samba apresentaram-se, atendendo ao apelo da LDN. O evento contou com apoio da UGES, que lançou um manifesto de apoio à política de guerra do governo, realçando solidariedade com as Forças Armadas. As escolas desfilaram com estandartes e indumentárias, dando um aspecto diferencial. Segundo o jornal *Gazeta de Notícias* (10 mar. 1943), vários painéis criticavam a “trindade maldita” – Itália, Alemanha e Japão –, que enlutou o mundo.

Como podemos constatar na imagem a seguir (figura 3), havia cartazes conduzidos pelos foliões sobre bombardeio aéreo e sobre a grande vitória, ou seja, notícias que circulavam diariamente nos jornais também se transformaram em motivos do desfile. Isso

<sup>16</sup> O termo “carnaval de guerra” refere-se ao enredo vitorioso da Portela no carnaval de 1943, em que a agremiação de Oswaldo Cruz conquistou o tricampeonato. Os compositores responsáveis pelo sucesso foram Alvaiade, Nilson Gonçalves e Ataulfo Alves.

<sup>17</sup> Sobre o Estado Novo, existe um significativo número de trabalhos capazes de aprofundar os diversos efeitos da guerra em nossa política interna. Constatamos que restou a Vargas a reorganização da estrutura do DIP, e a partir do segundo semestre de 1942 ganhou espaço no governo o grupo dos aliados, com destaque para a liderança do embaixador Oswaldo Aranha. A Liga da Defesa Nacional situava-se nessa segunda vertente e beneficiou-se desse contexto para organizar atividades de caráter nacionalista, potencializando assim a política do “esforço de guerra”.

<sup>18</sup> O PRÉSTITO da vitória. *O Cruzeiro/Jornal Estado de Minas*, p. 31, 13 mar. 1943.

envolveu um bom público que prestigiou a apresentação das agremiações – inclusive com a mobilização de um público infantojuvenil, evidenciando que muitas famílias apoiaram as manifestações –, o que de certa forma contradiz algumas notícias de desânimo nos jornais sobre a festa. Talvez essa perspectiva se aplique a outros locais mais tradicionais da cidade, mas o que se viu na Avenida Rio Branco, na mobilização das escolas de samba, foi bem diferente.

**Figura 3** – Fotomontagem realizada com diversas fotografias reproduzidas pelos jornais que cobriram o “carnaval da vitória” em 1943 – nos jornais *O Globo* e *Gazeta de Notícias*, o crédito dessas imagens foi atribuído ao desfile da Escola de Samba Deixa Malhar



Fonte: *Revista Semana* (1943, p. 20)

Apesar das tentativas de desmobilização, o carnaval apresentou um desfile de críticas, com a participação da multidão na Avenida Rio Branco. Para a Deixa Malhar, escola do compositor Rubens da Vila, o destino marcou sua despedida dos desfiles. A imagem na parte inferior da fotomontagem é fragmento de uma fotografia publicada originalmente no jornal *Gazeta de Notícias*, que registrou componentes da agremiação segurando alegorias com os dizeres “A Grande Corrida”, “Ameaça Alemã” e outras representando ataques aéreos. Na parte superior, o cartaz “Rumo às Áfricas” leva-nos a refletir sobre a aproximação do Brasil com os Estados Unidos, especialmente o interesse americano em atuar no norte da África. A base americana em Natal, no Nordeste, foi estratégica para essa operação, conhecida como “Trampolim da Vitória” (Silveira, 1989, p. 42).

No plano da memória coletiva podemos imaginar que provavelmente alguns daqueles cartazes (figura 3) foram confeccionados por Zé Linguíça, lembrado pelo compositor Rubens da Vila, que pode estar presente entre as imagens anônimas do período. Zé Linguíça, cujo nome formal não conseguimos localizar, era irmão do famoso

cantor Jamelão, da Estação Primeira de Mangueira, que por sinal começou sua trajetória na Escola de Samba Deixa Malhar. A agremiação mantinha uma gafieira, sendo um importante espaço de sociabilidade musical da população carioca na década de 1930. Até mesmo personalidades da Mangueira, como Dona Neuma e Dona Zica, registram em suas lembranças algumas memórias afetivas da Deixa Malhar<sup>19</sup> como espaço de sociabilidade daquela região entre Maracanã, Tijuca e Morro da Mangueira, marcada pela existência dos saudosos carnavais de rua e clubes sociais voltados para o lazer.

## O CARNAVAL DE 1943 E A GAZETA DE NOTÍCIAS

Ao pensarmos no carnaval de 1943 levando em conta as tensões do processo de mobilização e desmobilização do governo Vargas em função da guerra, vemos que ele se difere muito de outros momentos dos chamados carnavais de guerra. As mobilizações empreendidas pela LDN viveram o seu melhor momento de participação popular desde que ela fora criada no Rio de Janeiro em 7 de setembro de 1916 por intelectuais nacionalistas.

Para conquistar legitimidade na cena carnavalesca, as escolas de samba foram mobilizadas a participar dos “carnavais patrióticos” durante o esforço de guerra. Seus enredos, que exploravam o nacionalismo, garantiram-lhes um destaque em relação aos blocos e ranchos mais tradicionais. No entanto, mesmo com essa legitimação, as escolas de samba não escaparam da desconfiança do governo, como destacou o jornal *Gazeta de Notícias* (figura 4). Sob “fiscalização exemplar”, o governo lembrava as práticas autoritárias da República Velha, exercendo controle sobre as festividades de rua. Nesse contexto, era obrigatório que enredos e alegorias evitassem qualquer menção aos nomes dos países envolvidos no conflito<sup>20</sup>.

O processo de mobilização e desmobilização para a guerra, no plano interno brasileiro, fora seletivo em relação a grupos não completamente assimilados à órbita autoritária do Estado Novo. O famoso carnaval da vitória não deixou de fixar esses traços em sua cobertura.

<sup>19</sup> A Escola de Samba Deixa Malhar contribuiu para a formação de importantes lideranças no mundo do samba. A mais emblemática talvez seja Mano Eloy, o primeiro cidadão samba do Brasil em 1936. Mas também teve, na formação da União das Escolas de Samba (UES) em 1934, a figura do sambista Flávio Costa como presidente em sua primeira fase, peça fundamental na organização do movimento das escolas de samba em seu processo de oficialização dos desfiles em 1935, pelo prefeito Pedro Ernesto (Silva, 2018). Sobre a União das Escolas de Samba (UES) e a União Geral das Escolas de Samba (UGES), são, na verdade, a mesma entidade, que apenas mudou de nome ao longo do tempo. A UES foi a primeira associação das escolas de samba, criada em 1934 e responsável por organizar os primeiros desfiles. Em 1939 a própria entidade alterou seu nome para UGES, buscando uma representação mais ampla, mas mantendo a função de unificar e profissionalizar as escolas de samba do Rio de Janeiro.

<sup>20</sup> Uma matéria do cronista Berilo Neves (1943, p. 7), infelizmente esquecida nos estudos sobre samba e carnaval, dá o tom da perseguição à cultura negra carioca: “ESCOLAS DE SAMBA: A polícia resolveu fechar a Escola de Samba ‘Deixa Malhar’. Não se conhecem os motivos da providência, mas o simples título da ‘escola’ estava a exigir remédio pronto e enérgico [...]. O Brasil de hoje não admite desocupados, nem fábrica de toadas afro-analfabeto. Estamos em período de guerra em que não se pode perder tempos com tolices dispendiosas”.

Figura 4 – Matéria do jornal Gazeta de Notícias



Fonte: Passando [...] (1943, p. 8)

Os jornais e as revistas são ainda hoje as principais fontes sobre o carnaval no período da Segunda Guerra. Podemos observar que os fatos da vida cotidiana se misturavam ao noticiário da guerra; nele reside uma temporalidade inscrita sobre sujeitos, em suas diversas posições sociais. Outro aspecto sobre esse período é a própria dificuldade de encontrar imagens das escolas de samba. A figura 4, portanto, é um raro documento histórico, para os estudos tanto sobre o carnaval quanto do próprio cotidiano do Rio de Janeiro na Segunda Guerra Mundial. Freire (2013, p. 78) ratifica tal observação destacando a singularidade dessa cobertura jornalística do jornal *Gazeta de Notícias* em relação a vários jornais pesquisados.

Assim a *Gazeta de Notícias*, com o título "Passando em revista o carnaval que se foi" (1943), em sua página 8 – voltada para a cobertura do carnaval –, fez um balanço da folia carioca. A página foi composta por quatro fotografias diagramadas de forma diferente. As imagens de formato retangular, com maior amplitude (parte superior à esquerda e inferior à direita), fazem referência aos eventos nos grandes clubes e salões, com destaque para a cobertura do secretariado do Cordão do Bola Preta e o registro do entusiasmo dos carnavalescos do Cordão do Sossego. Já as fotos que cobriram as

manifestações das escolas de samba estão diagramadas em tamanho menor – na parte superior à direita é referente à alegoria da Portela, e na parte inferior, ao Desfile da Deixa Malhar.

Ao comparar as imagens de cada grupo, percebe-se que as atividades dos cordões e bailes carnavalescos da elite tinham *status* superior ao das escolas de samba. Além disso, a imprensa tratava as manifestações populares de forma aleatória e sem lhes dar muita importância, o que tornou a celebração do carnaval para esses grupos uma forma de visibilidade. As duas fotos relativas às escolas de samba são resultado da cobertura do famoso cortejo da vitória, realizado na Avenida Rio Branco, evento patrocinado pela LDN. O destaque na parte superior foi para a escola de samba Portela, campeã do carnaval, que se sobressaiu com uma alegoria representando as Nações Unidas. Freire (2013, p. 76), ao fazer uma análise mais detalhada dessa alegoria em sua dissertação de mestrado, observou que as bandeiras dos Estados Unidos e da França, assim como a brasileira, estão presentes no carro encarregado do cortejo cívico.

Em tal página da *Gazeta de Notícias* também aparece, na parte de baixo, uma fotografia dando destaque para o que seria o último desfile da Escola de Samba Deixa Malhar. Cabe lembrar que até aquele momento a agremiação localizada na Chácara do Vintém, no Largo da Segunda-Feira, era uma das principais da cidade, cuja liderança era de Mano Eloy, o primeiro cidadão samba<sup>21</sup> do Brasil em 1936. Na imagem, os carnavalescos aparecem portando inúmeros cartazes sobre o contexto da guerra naquele momento. Na legenda<sup>22</sup> relativa à fotografia da agremiação, o jornal descreve que o carnaval das escolas de samba foi transformado em luta contra o nazifascismo e que a Deixa Malhar conquistou o 4.º lugar.

Existe outro elemento nessa página da *Gazeta de Notícias* que se conecta à memória das escolas de samba no período da Segunda Guerra. Entre as fotografias, foi publicado um longo texto sob o título “Exemplar fiscalização”, o qual descreve que, nas atividades carnavalescas, a polícia metropolitana atuou sob a direção do coronel Alcides Etchegoyen. O texto fez também um balanço dos festejos, afirmando que a população carioca participou deles conforme as normas estabelecidas pela portaria do Sr. Alcides Etchegoyen, mas deixando em aberto a questão de que, caso houvesse necessidade, primeiro a polícia agiria por meios “pacíficos”, mas, se fosse preciso, também por repressão. Isso significa que a estrutura policial do Estado Novo estava a pleno vapor para impor formas de desmobilização dos setores populares se houvesse algum indício de rebeldia.

Infelizmente para os carnavalescos da Deixa Malhar, o “carnaval da vitória” não tinha terminado. Curiosamente, em maio de 1943, ainda refletindo os ecos do carnaval, a imprensa publicou notas sobre o fechamento da Escola de Samba Deixa Malhar. O jornal *A Manhã* foi, por sua vez, mais incisivo por meio do artigo de Berilo Neves (1943, p. 7), denominado “Escolas de Samba”, destacando que a medida provavelmente se inseriu no “esforço de mobilização para a guerra”.

<sup>21</sup> O título “cidadão samba” era uma homenagem que os jornais do Rio de Janeiro prestavam aos sambistas mais notáveis das escolas de samba. Essa honraria, criada em 1935, exigia diversas habilidades: o domínio de instrumentos como pandeiro e tamborim e a destreza nos passos de samba. O período de maior prestígio do título foi entre as décadas de 1930 e 1950, quando nomes como Mano Eloy e Paulo Portela foram celebrados.

<sup>22</sup> “O carnaval deste ano foi transformado em veículo popular de propaganda contra o nazi-fascismo. A marcha cívica das Escolas de Samba, organizada pela liga da Defesa Nacional, constituiu uma demonstração empolgante de patriotismo. A gravura mostra o flagrante da passagem da ‘Escola de Samba Deixa Malhar’, colocada em quarto lugar no concurso de domingo” (Passando [...] (1943, p. 8).

O fato é que, voltando à análise da matéria da *Gazeta de Notícias*, podemos constatar sobretudo por intermédio das raras imagens (figura 4) que, em função de ter conquistado o 4.º lugar no desfile, a escola do compositor Rubens da Vila foi uma das que mais se inseriram no espaço de manifestação contra o nazifascismo, com adesão da multidão, que se comprimia na Avenida Rio Branco, empunhando painéis de críticas à “regrada trindade maldita”: Itália, Alemanha e Japão.

Ao mesmo tempo que o documento em questão é de fundamental relevância para a história do carnaval, inclusive como patrimônio, cabe notar que nele se inscreve tanto o engajamento da Portela na sua sequência de campeonatos quanto a possibilidade de ressignificar a trajetória da Deixa Malhar – a agremiação, que teve papel central na primeira fase das escolas de samba, foi muitas vezes “invisibilizada” na história. Esse apagamento dialoga com a forma como a memória coletiva brasileira se relaciona com o período da Segunda Guerra Mundial.

A Deixa Malhar selou seu destino nos desfiles de 1943, portanto não surtiu efeito o conselho da avó do compositor Rubens da Vila (“Vovó me avisou”) para que não fizesse sambas envolvendo os nomes dos países em guerra. Seja por causa dele ou não, o tema foi absorvido pelos carnavalescos da Deixa Malhar por meio das ruas, da imprensa e dos próprios sambistas. Mas o sentimento, a intuição da ancestralidade, tem suas razões de existir, pois acompanha as populações negras diaspóricas e se faz memória no samba, sobretudo em terras autoritárias; o riso, a galhofa, a troça humorística são também formas de resistência popular (Soihet, 1998, p. 12). O último desfile da Deixa Malhar ficou na memória coletiva como triunfo efêmero da festa do carnaval dos negros da cidade do Rio.

## ECOS DO CARNAVAL DE 1943

Ao Ilmo. Sr. Major delegado especial. Sindicatos situação atual. Todas as oscilações porque passam as referidas sociedades, são objetos de especial atenção, visando à legítima harmonia dos interesses sociais com supremos imperativo de ordem pública. [...] Não fosse a intromissão da LIGA DA DEFESA NACIONAL nos meios sindicais e as classes trabalhistas, através de suas entidades de classes, estariam desfrutando de um período relativamente calmo, pois os cérebros dirigentes da LDN procuraram e obtiveram alguns resultados satisfatórios, com o efetuar a mudança de certos quadros de administrações sindicais, política essa que esta obedecendo a uma previa orientação de natureza extremistas, apoiada por elementos reconhecidamente de consciência subversiva da ordem político-social-vigente (APERJ, s.d., p. 24).

Esse relatório faz um balanço da conjuntura de 1943, destacando as mobilizações do Estado policial contra diversas formas de organização da sociedade civil. A LDN é apontada como foco de elementos subversivos. O texto sacraliza a intervenção nos sindicatos por meios “suasórios” (convencimento e persuasão) e ressalta a vulnerabilidade das organizações trabalhistas ao arbítrio policial, por causa da necessidade de licença pública.

A atuação da LDN entre trabalhadores e entre estudantes, como na UNE, e em partidos de oposição, como no Partido Comunista, é destacada. Essas entidades causavam preocupações ao governo Vargas. O aspecto mais relevante desse documento é a análise da conjuntura social pelo agente da Delegacia Especial de Segurança Política e Social (DESPS). Naquele momento, a LDN era vista como uma instituição cuja atuação preocupava os agentes do governo Vargas. Assim como a UNE e grupos vinculados

a partidos de oposição, sambistas estavam sob vigilância policial, gerando efeitos imperceptíveis para a maioria das pessoas.

A ação de desmobilização promovida pelo governo por meios “suasórios” afetou a UGES. Mesmo sem estar na coordenação dos desfiles de 1943, a entidade foi pressionada a atuar na desmobilização do carnaval de 1944. Conforme determinação do Conselho Deliberativo da UGES em janeiro de 1944, as afiliadas foram aconselhadas a desistir de um carnaval patriótico.

- a) Que as escolas de samba filiadas fiquem à vontade com relação à saída ou não no carnaval.
- b) Que a União Geral das Escolas de samba não tomará qualquer iniciativa quanto ao desfile das escolas até o carnaval.
- c) Que a UGES somente se fará representar nos festivais internos de suas filiadas ou não.
- d) Que fica suspenso o expediente da secretaria da UGES nos dias consagrados aos folguedos carnavalescos.
- e) Que as suas filiadas, no caso de resolverem sair nos dias consagrados aos folguedos, devem cumprir rigorosamente as determinações do Sr. Tenente coronel chefe de polícia e seus auxiliares na manutenção da ordem e do respeito que deve prevalecer nesse dia, a fim de cooperar com os mesmos devido à situação de guerra em que nos encontramos (Cabral, 1996b, p. 137).

Sobre o último item da deliberação, percebemos que a situação de guerra instaurou práticas autoritárias de toda ordem, e, nesse caso, ações coercitivas sobre as lideranças das escolas de samba. De certa forma a deliberação, em vigor desde 1944, corrigia detalhes provavelmente omitidos no carnaval anterior, como a última nota extremamente autoritária de intervenção no carnaval, e desmobilizava o povo das cuícas e dos tamborins.

Os carnavais de 1945 e 1946, embora vencidos pela Portela com os enredos “Motivos Patrióticos” e “Alvorada no Novo Mundo”, não obtiveram grande repercussão em termos de mobilização popular. Mesmo com o fim do DIP – órgão responsável pela censura – em 1945 e o término da guerra, os carnavalescos não demonstraram o mesmo sentimento de engajamento e aguerrimento observado nas mobilizações do carnaval de 1943.

Ao trabalharmos a interpretação das fontes históricas a contrapelo, como muito bem destacou Walter Benjamin (1985, p. 225), presumimos que a nota do Conselho Deliberativo das Escolas de Samba (UGES) denunciou os constrangimentos sofridos pelos sambistas no carnaval de 1943 e que grupos com visões opostas à realização do carnaval em plena guerra aproveitaram a “situação de guerra” para impor um processo de desmobilização por meio das escolas de samba, coagindo lideranças e utilizando-se de outras formas. Muito embora os festejos tenham se realizado sob a ótica patriótica, isso não garantiu um tratamento diferenciado para os sambistas, pois a lógica policlesca manteve sob suspeita o povo carnavalesco.

O carnaval de guerra de 1943 foi uma síntese de mobilizações e desmobilizações, com lacunas ainda presentes na memória nacional. O compositor Rubens da Vila, testemunha desse período, destacou que o fechamento da Deixa Malhar se deveu a questões relacionadas ao seu enredo no carnaval de 1943, quando a agremiação alcançou seu melhor resultado. O depoimento de Rubens e o artigo de Berilo Neves (1943, p. 7) aproximam-se na dimensão de notificarmos os ecos do carnaval de 1943; cada um a seu modo mobiliza uma espécie de contramemória, ou seja, um tipo de elogio a duvidar do estabelecido (Justo, 2017, p. 62). É importante nesse sentido não fixarmos

a memória nos preceitos teóricos e metodológicos historiográficos, pois essa é também uma construção (Seixas, 2001 p. 39).

Morador na Rua Aguiar, perto da Deixa Malhar, Rubens presenciou os anos de glória do grupo carnavalesco, lembrando de Zé Linguíça, Carlos Garcia e outros mestres do samba que passaram pela saudosa Deixa Malhar. Como observou Barata (1985, p. 10), essa agremiação, localizada entre o Morro do Turano e o Largo da Segunda-Feira na Tijuca, foi um embrião organizado que deu origem ao conjunto conhecido como escolas de samba.

Assim, o importante do testemunho não reside em periciar elementos capazes de comprovar o discurso, mas na possibilidade de anunciar uma memória do período mantida submersa por mais de 80 anos. Muitas vezes, isso foi resultado de um processo vitorioso de desmobilização da memória popular, cujo êxito se situou além do pós-guerra (*Jornal do Brasil*, 1985, p. 10). Segundo o compositor Rubens da Vila, com o fim das batucadas no terreiro da Deixa Malhar, Mano Eloy, líder da escola, convocou alguns membros para integrar a Escola de Samba Prazer da Serrinha. Em 1947 Rubens, em parceria com Tio Hélio, fundador do Império Serrano, compôs o samba vitorioso no Carnaval da Esperança, organizado pelo jornal *A Tribuna da Imprensa*, em homenagem a Luiz Carlos Prestes.

*Qualquer criança,  
Toca um pandeiro, um surdo e um cavaquinho,  
Acompanha o canto de um passarinho,  
Sem errar o compasso.*

*Quem não acreditar,  
Podemos até provar,  
Pode crer, porque  
Nós não somos de enganar.*

*Melodia mora lá,  
No Prazer da Serrinha!*

*Autores: Tio Hélio e Rubens da Silva  
Música: “Qualquer Criança”*

Fonte: Tio Hélio (s.d.)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa sobre o ano de 1943, denominado por Tupy (1985) como “carnaval de guerra”, demonstrou que foi a mobilização popular, comovida pelos afundamentos dos navios brasileiros, que garantiu a realização do carnaval sob a órbita do “esforço de guerra”. Vimos também que os desfiles de escolas de samba e sua associação (UGES) não deixaram de ser alvo das formas de desmobilização, que provavelmente selaram o mês de maio de 1943 com o fechamento da Escola de Samba Deixa Malhar.

Com base nas memórias do compositor Rubens da Vila, que viveu intensamente o período, produzindo sambas que até hoje são lembrados, contextualizamos vozes de sambistas anônimos, como Zé Linguíça (Deixa Malhar), e da avó de Rubens, Dona Perciliana. Enquanto Zé Linguíça defendia a realização do carnaval de 1943, mesmo diante das notícias desfavoráveis nos jornais e do clima de tensão social provocado por mobilizações e revoltas populares no Rio de Janeiro, Dona Perciliana sentia a atmosfera conflitiva com mais prudência. Ela recomendava ao neto, iniciante na trajetória de

compositor, que evitasse certas abordagens, como revela sua fala: "*Não mexe com essas coisas, não*". Em entrevista concedida em 2010, o compositor ratificou a prudência da avó, resumindo o tema central deste trabalho na frase "*Vovó avisou*".

Essas memórias do samba e da Segunda Guerra entrelaçam-se em letras que formam um rico patrimônio cultural produzido naquele período de conflito. As lembranças individuais e coletivas dialogam com os registros da imprensa, o que nos permite compreender importantes aspectos do carnaval de 1943. O temor do governo de que o evento ganhasse uma dimensão política contra a ditadura de Vargas se confirmou, pois o regime não sobreviveu aos ecos do fim da Segunda Guerra Mundial. Essa queda reforça o jargão popular imortalizado em uma das melodias de Rubens da Vila: "*Quem ri melhor é sempre quem ri no fim*" (Vila, 2010).

## REFERÊNCIAS

10 ANOS de aventuras na história: as reportagens fundamentais. São Paulo: Abril, 2013.

ALENCAR, Edgar de. **O carnaval carioca através da música**. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1965.

ALVES, Vagner Camilo. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**: história de um envolvimento forçado. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2002.

AUGRAS, Monique. **O Brasil do samba-enredo**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

BARROS, Orlando de. **A guerra dos artistas**: dois episódios da história brasileira durante a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: E-Papers, 2010.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. *In*: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BEZERRA, Danilo Alves. Carnavais cariocas: sob a ótica da revista *O Cruzeiro* (1943-1945). **Clio: Revista de Pesquisa Histórica**, n. 31, 2013.

BEZERRA, Danilo Alves. **Os carnavais do Rio de Janeiro e os limites da oficialização e da nacionalização (1934-1945)**. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2012.

CABRAL, Sérgio. **A MPB na era do rádio**. São Paulo: Editora Moderna, 1996a.

CABRAL, Sérgio. **As escolas de samba do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996b.

CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem guerra**: a mobilização em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

FREIRE, Sulamita Inácio. **O bélico no carnaval carioca: o discurso nacionalista dos desfiles carnavalescos da década de 1940**. 2013. 150 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

JUSTO, Hirâ Soares. *Contramemória*. In: BREND, Zilá; MANGAN, Patrícia Kayser Vargas (org.). **Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e da cibercultura**. Canoas: Unilasalle, 2017.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**. Estudos sobre História. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

PEDREIRA, Flávia Sá. Carnaval em tempos de guerra. **Projeto História**, São Paulo, p. 59-79, jun. 2004.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. Tradução de Dora Rocha Flaksman. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 3-15, 1986.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (org.). **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Editora Unicamp, 2001.

SILVA, Sormani da. **Escola de Samba Deixa Malhar: batuques e outras sociabilidades no tempo de Mano Eloy na Chácara do Vintém**. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2018.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **A FEB por um soldado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

SMITH, Richard Cândida. **História oral, acervo e as artes**. São Paulo: Letra e Voz, 2012.

SOIHET, Rachel. **Subversão pelo riso: o carnaval carioca da *belle époque* ao tempo de Vargas**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

TIO HÉLIO. In: DICIONÁRIO Cravo Albin. s.d. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/tio-helio/>. Acesso em: 27 jan. 2024.

TUPY, Dulce. **Carnavais de guerra: o nacionalismo no samba**. Rio de Janeiro: ASB Artes Gráficas, 1985.

### Fontes primárias

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (APERJ). **DESPS 868**. Caixa 2366. Rio de Janeiro, s.d. p. 24.

CLUBE DE REGATAS VASCO DA GAMA. **Boletim do Clube de Regatas Vasco da Gama**. Rio de Janeiro, mar. 1943.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Arquivo Getúlio Vargas**. Gv confid. 1940.01.06. Rio de Janeiro, 6 fev. 1940.

## Jornais

A NOITE. Rio de Janeiro, 21 maio 1943.

BARATA, Mario. Escolas de samba: cartas do leitor. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 27 fev. 1985.

CARNAVAL da vitória. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 8, 7 mar. 1943.

DIÁRIO CARIOCA. Rio de Janeiro, 22 maio 1943.

ESCOLAS de samba. **A Manhã**, Rio de Janeiro, p. 7, 27 maio 1943.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, p. 8, 7 mar. 1943.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 10 mar. 1943.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, p. 10, 27 fev. 1985.

NÃO HAVERÁ carnaval para os inimigos do Brasil, ou seja, alemães, italianos e japonês. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 1, 1 mar. 1943.

NEVES, Berilo. Escolas de samba. **A Manhã**, Rio de Janeiro, p. 7, 27 maio 1943.

O CARNAVAL. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 3, 17 fev. 1943.

PASSANDO em revista o carnaval que se foi. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 8, 11 mar. 1943.

REVISTA SEMANA. Rio de Janeiro, p. 20, 13 jan. 1943.

## Entrevistas

VILA, Rubens da. **Rubens da Vila**: entrevista oral [São Gonçalo, Rio de Janeiro, mar. 2010]. Entrevistador: Sormani da Silva.